

Um diálogo entre a Psicanálise e a Fé Cristã

Pedro Paulo V. A. Azevedo*

Crente e incrédulo, cada qual a seu modo, participam da dúvida e da fé,
Caso não se ocultem de si mesmos e da verdade da sua existência.

JOSEPH RATZINGER

Não há ateu que não creia e crente que não duvide
DITADO POPULAR (*vox. Populi vox. dei*)

Hoje mais do que ontem, amanhã mais do que hoje e, nos tempos que se seguem mais do que nunca; será preciso trabalhar arduamente para fazer frente às atuais ondas de desinformação que ferem os campos do conhecimento. Assiste-se à uma crescente ameaça, cada vez mais preocupante, à vida no planeta, diante do poder de autodestruição dos humanos. O dito *Homo Sapiens* é sabidamente o único ser vivo que agride seu próprio *habitat*. Aquilo que em psicanálise se chama a *pulsão de morte*. Flerta nossa civilização com um novo tempo de obscurantismo e que se antagoniza ao iluminismo (movimento cultural europeu do séc. XVII e XVIII) que prevaleceu durante um período da nossa história, plantou sementes e deixou frutos para as eras vindouras.

Diante deste quadro cultural algo denegrido, de escassez de lucidez, não cabe, neste momento, se discutir qual o modo melhor de se operar em prol da cultura, pois os inimigos dela nunca estiveram tão unidos e empoderados.

Como disse, o alcance da destrutividade humana atingiu tal patamar, que todos aqueles que defendem os valores humanitários, precisam unir forças. As pulsões mortíferas operam tão soltas e livres do olhar de uma lei que as regulamente, que não há lugar para se questionar qual é o modo vital mais correto ou eficaz. Nossa sobrevivência está em xeque e todos os meios de salvaguarda serão legítimos. A MPB faz a boa aritmética quando lembra que “*um mais um é sempre mais que dois*” ou que considera “*justa toda forma de amor*”.

Me inspiro nas famosas palavras que abrem o icônico *Manifesto* de Karl Marx e Friedrich Engels, só que, desafortunadamente, o fantasma agora não seria tão *camarada*! Me inspiro para dizer: **Um espectro assombra a vida humana na Terra: o espectro de seu próprio desaparecimento.** Então: bem-aventurados de todas as terras, uni-vos!

Acredito que devo parecer ambivalente: pois se falo da destrutividade dos humanos, como posso apelar para os valores humanitários? Mas, se por um lado sabemos que nenhuma outra espécie

no reino animal possui tão eficiente poder de destruir, de outro, também é sabido, que nenhuma outra possui comparável alcance de solidariedade.

A psicanálise pode nos ajudar a compreender tal impasse?

O conceito freudiano de *pulsão de morte* se torna basilar para a compreensão da destrutividade e para o que se conhece como *compulsão à repetição* e, ainda, a relação desta pulsão com o mal-estar na cultura.¹ Iremos assistir uma mudança nos tons de sua teoria. Do inicial otimismo do jovem médico sobre as possibilidades de transformação através de seu método psicanalítico, com o advento da primeira grande guerra, Freud se torna mais cético com relação ao futuro da humanidade. Teremos a partir daí, uma relação mais estreita da sua teoria pulsional a respeito da sociedade, que vai desnudar a dimensão do conflito no âmago da cultura.

Neste sentido o conceito de *Pulsão de Morte* torna-se um divisor de águas tanto no campo teórico de sua prática clínica como no campo social. Nas suas análises acerca da civilização, a agressividade passa a ter um papel de protagonismo.

Já nos primórdios de seus trabalhos teóricos Freud denuncia a “*influência nociva da cultura*”, que pela sua postura moralista, exerce uma repressão excessiva sobre a vida amorosa dos humanos. Irá defender uma maior tolerância e liberdade para a vida sexual, uma vez ser uma ameaça muito menor do que tal modelo repressivo, causador de danos muito maiores. Aponta que a repressão não oferecia saída entre os dois opostos neurose/perversão, ambos sabidamente hostis à cultura.

Nesta época Freud também valoriza seu conceito de *sublimação*, como alternativa ao método repressivo, e que oferece um caminho bem mais edificante culturalmente, através do processo de transformações, pelos quais passariam as pulsões sexuais e agressivas, dando um sentido libertário ao mundo. Uma saída do impasse?

Freud irá entender que o amor é inseparável do ódio, que as pulsões de vida são indissociáveis dos impulsos mortíferos e cruéis, e que somente a interiorização dessas tendências seria capaz de barrá-las. O drama se situa na própria natureza humana que, se não for bem cuidada e desenvolvida durante os anos da infância, permanecerá hostil à civilidade. Ou seja, tal hostilidade é constitucional. A psicanálise, portanto, funciona como um instrumento das luzes no sentido de desenvolver uma capacidade crítica, para não assistirmos a maioria da humanidade submetida à uma minoria opressora ou mesmo sob a influência de um líder tirânico.

¹ Ver meu artigo *Psicanálise, Cultura e Conflito* no meu site: <https://www.pedropauloazevedo.com/>

O pai da psicanálise ao longo de toda sua vida e obra irá defender com paixão esses valores humanitários. Não só em defesa da vida (através de seu conceito de libido inspirado no imortal Eros do filósofo Platão), como também, e principalmente, da dignidade dessa vida. Isto é, uma vida digna de ser vivida.

Ora, esses valores humanistas, estão presentes nos pilares da psicanálise e neste sentido ela se enlaça à ética do cristianismo.

O *“Dar de beber a quem tem sede”*, o *“Dar de comer a quem tem fome”*, imperativo veemente da paixão do Nazareno, estaria de certo modo na toada de um outro judeu que não nasceu em Belém, nem em Nazaré ou na Judéia, muito menos na Galileia. Sim, me refiro a Sigmund Freud (1856 – 1939), que nasceu em Príbor, atual República Checa. Esse judeu ateu, vai dar de beber e de comer a quem tem sede e fome de conhecimento. Não irá poupar esforços para buscar nos diversos campos da cultura, inclusive, nos estudos da religião, os elementos para construir seu tão complexo mundo psicanalítico. A tese do pastor psicanalista, o cristão Oscar Pfister, seu grande amigo e confidente, de que a *“religiosidade autêntica”* poderia ser uma proteção contra a neurose não foi contestada por ele. Apenas achava que *“ela era uma raridade no nosso mundo”*.^{*}

Portanto o projeto libertário de ambos os judeus fez lugar, com suas devidas diferenças e abrangências, no campo civilizatório. Ambos estavam convencidos da máxima de que *“só o conhecimento liberta verdadeiramente as pessoas”*, desde Sócrates, passando pelo apóstolo João, o poeta cubano Jose Marti, ou ainda, atualizado pela pena do filósofo Leandro Karnal: *“é no conhecimento que existe a chance de libertação. Uma pessoa que decide não conhecer, aceita sua condição de submissão; conhecer é a condição para eu me libertar de mim mesmo e das amarras sociais”*.

O Cristianismo, assim como a psicanálise, ameaçados pela apropriação indevida orquestrada pelos incontáveis falsos profetas e/ou *psis* de araque, nos convoca a árdua tarefa de se fazer lembrar da parábola do joio e do trigo. De se separar os filhos-joio do reino das trevas dos filhos-trigo do reino das luzes.

Por tudo isso e muito mais, nesses tempos de culto à ignorância e à violência, este diálogo franco e respeitoso da psicanálise com a fé cristã, terá sempre um lugar privilegiado de anunciador das *boas novas* como proclamou o evangelho.

^{*}Pedro Paulo é psicanalista, titulado pela Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ), filiada à International Psychoanalytical Association (IPA).